

EDUCAÇÃO, DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL E SUPERAÇÃO DO USO DE DROGAS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: ALGUMAS POSSIBILIDADES PARA O AVANÇO DAS PESQUISAS

EDUCATION, SPIRITUAL DEVELOPMENT
AND OVERCOMING OF THE USE OF DRUGS
IN CHILDHOOD AND ADOLESCENCE: SOME
POSSIBILITIES FOR THE ADVANCEMENT OF
RESEARCH

Cristine Gabriela de Campos Flores *
Evaldo Luis Pauly **

* Pedagoga e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul – FAPERGS.

✉ cristinegabriela@gmail.com

** Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação: Mestrado e Doutorado do Centro Universitário La Salle - UNILASALLE.

✉ evaldo@unilasalle.edu.br

R e s u m o

Partindo da instigante narrativa de Esmeralda do Carmo Ortiz, o presente artigo propõe-se a discutir a possibilidade de uma compreensão pedagógica acerca do direito ao desenvolvimento espiritual como potencial de resiliência e fator de proteção ao uso de drogas ilícitas na infância e adolescência. Tal discussão considera a possível articulação de instituições da Educação Básica com instituições sociais que desenvolvam modelos sociopedagógicos de prevenção e de superação do consumo de drogas, a partir da perspectiva de fortalecimento da espiritualidade. Destaca, ainda, a escola como espaço social privilegiado para promoção, prevenção e proteção de crianças e adolescentes e propõe-se a conceituar, em termos razoáveis, o que seja a fé que permita o pensamento sobre ela, partindo desses conceitos, busca definir a espiritualidade. Defende a necessidade de mais

pesquisas envolvendo essa temática e, para tanto, apresenta uma revisão da produção acadêmica e da legislação, assim como uma quantificação sobre a produção acadêmica da área da Educação.

Palavras-chave: Desenvolvimento Espiritual. Prevenção na Educação. Consumo de drogas ilícitas na infância e adolescência. Políticas Educacionais. Políticas Públicas sobre Drogas.

Abstract

Based on the compelling narrative of Esmeralda do Carmo Ortiz, this article proposes to discuss the possibility of a pedagogical understanding of the right to spiritual development as a potential for resilience and as a protective factor against illicit drug use in childhood and adolescence. This discussion considers a possible articulation of basic education institutions with social institutions that develop socio-pedagogical models for preventing and overcoming drug use, from the perspective of strengthening spirituality. It also highlights the school as a privileged space for social promotion, prevention and protection of children and adolescents. It proposes to conceptualize, on reasonable terms, what is the faith that allows a thinking about itself, and, from these concepts, it seeks to define spirituality. Furthermore, it supports the need for more research involving this issue. For that, it presents a review of the academic literature and legislation, as well as a quantification of the academic production of the area of Education.

Keywords: Spiritual Development. Prevention in Education. Illicit drug use in childhood and adolescence. Educational Policy. Public Policies on Drugs.

1 Introdução

A motivação para a pesquisa e a construção deste artigo nasceu da instigante narrativa de Esmeralda do Carmo Ortiz. Trata-se da história de uma ex-menina de rua que, como milhares de outras, experimentou o desamparo social nas ruas, seja como vítima, seja como protagonista da violência. Ela vivenciou o cotidiano desumano e indigno do consumo de crack no coração da cidade

mais rica do país. Por alguma razão, ela foi capaz de construir sua dignidade como ser humano, resistindo de forma extraordinária à desestruturação da sua humanidade pela família, pela situação de rua, pela droga, pela violência, pelas instituições de atendimento às crianças e adolescentes. Ela se fez gente, contra qualquer expectativa razoável:

Faz alguns meses que estou fazendo o livro, com várias pessoas me acompanhando, me ajudando. Devagar vou desvendando o mistério: será que foi Deus que me ajudou a não dançar? Será que foi a sorte? Eu tive Deus, eu sempre fui persistente, mas, vendo minha vida hoje, fico ainda nesta dúvida: será que fui eu que fiz isso? Eu fico pensando por que razão eu não morri com as drogas, por que sobrevivi, por que consegui vencer. (ORTIZ, 2001, p. 192)

A peculiaridade da autobiografia de Esmeralda reside no fato de que ela atribui sua capacidade de resistir – a sua resiliência – ora a Deus, ora à sorte; talvez à sua própria “força de vontade” que, muitas vezes, “não dava certo”. Cooperaram, no fortalecimento da sua vontade, o desenvolvimento da espiritualidade, a participação em práticas religiosas, em algumas iniciativas educacionais e também com algumas pessoas que a ajudaram no exercício da superação, permitindo-lhe construir “uma nova maneira de viver, sem a droga” (ORTIZ, 2001, p. 192-193).

O artigo parte dessa experiência humana nos limites da desumanidade para discutir a possibilidade de uma compreensão pedagógica acerca do direito ao desenvolvimento espiritual como potencial de resiliência e fator de proteção ao uso de drogas ilícitas na infância e adolescência. Parece-nos possível propor a articulação de instituições da Educação Básica com instituições sociais que desenvolvam modelos sociopedagógicos de prevenção ao consumo de drogas e de superação desse problema a partir da perspectiva de fortalecimento da espiritualidade. Como lembra Andreola (2011, p. 313), “A educação não pode se restringir aos problemas de sala de aula. Na sua necessária dimensão ético-política, precisa contribuir para a solução de problemas hoje tão graves, que dizem respeito à própria sobrevivência da humanidade [...]”. Acreditamos que o consumo de drogas ilícitas na infância e adolescência é um desses graves problemas que merece atenção tanto na saúde pública como da política educacional.

2 Uso de drogas ilícitas na infância e adolescência

Marques e Cruz (2000, p. 32) definem o uso de drogas na infância e adolescência como um “[...] grave problema de saúde pública, com sérias consequências pessoais e sociais no futuro dos jovens e de toda a sociedade”. Justamente por isso, o artigo 81 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) proíbe “[...] a venda à criança ou ao adolescente de bebidas alcoólicas e de produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica” (BRASIL, 1990). O artigo 243 reforça a proibição configurando como crime “[...] vender, fornecer ainda que gratuitamente, ministrar ou entregar, de qualquer forma, à criança e ao adolescente, sem justa causa, produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica, ainda que por utilização indevida” (BRASIL, 1990).

No entanto, o V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio nas 27 Capitais Brasileiras, realizado pela Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), em parceria com o Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID/UNIFESP), revelou um cenário preocupante: o início precoce do uso de drogas lícitas e ilícitas, mais especificamente, no período de passagem da infância para a adolescência. Na apresentação do documento, o então Secretário Nacional Antidrogas, Paulo Roberto Yog de Miranda Uchôa, defendeu a necessidade de:

[...] criar políticas e propor ações de fiscalização efetivas que assegurem o cumprimento da legislação, bem como programas de prevenção e tratamento do uso de drogas por meio de articulações intersetoriais e de forma descentralizada com uma visão realista, e não idealizada (UCHÔA, 2004, p.7).

O uso de drogas ilícitas por adolescentes é tema recorrente em pesquisas; contudo, a maioria dos estudos alerta sobre apenas os fatores de risco ao uso de drogas, e poucas produções se propõem a discutir os fatores protetores, fundamentais para a prevenção (SANCHEZ et al., 2003). A narrativa de Esmeralda expõe o sofrimento que a dependência da droga pode trazer para a vida de uma pessoa. Nesse sentido, pensamos que é de suma importância a realização de

pesquisas que foquem a prevenção ao uso de drogas, principalmente na infância e adolescência, período em que o indivíduo está mais suscetível.

Entre os possíveis fatores protetores, citados por pesquisas, está o desenvolvimento da espiritualidade. Com base no texto bíblico do Livro de Provérbios 29:18, o educador popular afirma: “Sem uma teoria e uma prática da cidadania multicultural e democrática tecnicamente competente, eticamente definida, espiritualmente engajada e politicamente factível, o povo perecerá” (TORRES, 2003, p. 101).

3 O desenvolvimento espiritual e a fé

A influência positiva da espiritualidade e das práticas religiosas na história de superação de Esmeralda não é um caso isolado; pelo contrário, pesquisas realizadas na área de conhecimento da saúde apontam a fé religiosa como uma importante aliada durante o tratamento dos pacientes. Um estado da arte sobre essa temática no âmbito da literatura científica na área da psiquiatria demonstra essa relevância, após revisar:

[...] mais de 1.200 estudos realizados ao longo do século XX: a *The handbook of religion and health*. Nele, os autores afirmam que a religião continua tendo um papel significativo na vida das pessoas, mesmo depois de importantes avanços em áreas como educação, psicologia e medicina (ALMINHANA; ALMEIDA, 2009, p. 154).

Essa perspectiva mostra que mesmo que a sociedade contemporânea caracterize-se pelo espírito científico, pela cultura secularizada e pela desconsideração generalizada sobre a fé religiosa no ambiente acadêmico, parece razoável sustentar a importância da espiritualidade na vida das pessoas. Ross (1995) apresentou uma interessante definição para a espiritualidade em seu artigo “A dimensão espiritual: a sua importância para a saúde dos pacientes, bem-estar e qualidade de vida e as suas implicações para a prática de enfermagem”. Segundo a autora, a espiritualidade depende de três componentes: necessidade de encontrar significado, razão e preenchimento na vida; necessidade de esperança/vontade para viver; necessidade de ter fé em si mesmo, nos outros ou em Deus. A autora (1995) ainda defende que

a necessidade de significado é considerada uma condição essencial à vida e, quando um indivíduo sente-se incapaz de encontrar um significado, sofre em função de sentimentos de vazio e desespero. Tais sentimentos podem estar relacionados aos fatores que mais desencadeiam o uso de drogas por adolescentes, quais sejam: “[...] as emoções e os sentimentos associados a intenso sofrimento psíquico, como depressão, culpa, ansiedade exagerada e baixa autoestima” (MARQUES; CRUZ, 2000, p. 32).

Assim, podemos inferir que o uso de drogas é uma forma encontrada pela criança ou pelo adolescente para lidar com o sentimento de “falta de sentido para a vida”, que o desenvolvimento da espiritualidade poderia suprir. Corroborando essa hipótese, o escritor e teólogo católico Frei Betto, no texto em que comenta sua fala no “I Simpósio do Crack” realizado pelo Departamento de Medicina Preventiva na UNIFESP (CEBRID), diz que:

Todo “drogado” é um místico em potencial, alguém que descobriu o que deveria ser óbvio a todos: a felicidade está dentro e não fora da gente. O equívoco é buscá-la pela porta do absurdo e não a do Absoluto. Um pouco mais de espiritualidade cultivada nas famílias, sobretudo em crianças e jovens, e não teríamos tanta vulnerabilidade à sedução das drogas (FREI BETTO, 2013, p. 4).

Na perspectiva apresentada por Ross (1995), a espiritualidade baseia-se na fé. No entanto, pensar sobre a fé provoca um problema acadêmico de natureza epistemológica, que exige a superação do senso comum que compreende a fé como um fenômeno irracional ou como uma realidade sobre a qual a ciência não tem nada a refletir. Além disso, a vertente racionalista do Iluminismo parece que ainda é uma ideologia predominante nos meios acadêmicos. Michael Apple, destacado pedagogo norte-americano, considera necessário superar os sentimentos antirreligiosos da tradição científica, pois esta crítica fortalece objeção contra a escola pública secular feita por setores direitistas, formados por religiosos fundamentalistas nos EUA. Apple (2003, p. 275) propõe que os educadores críticos e com perfil de esquerda considerem que “[...] o lugar central dos sentimentos religiosos não precisa ser cedido ao neoliberalismo [...]”. Pelo contrário, acha que é prudente que a pedagogia crítica procure pensar de “[...] que formas os compromissos religiosos podem ser mobilizados para finalidades

socialmente progressistas” (APPLE, 2003, p. 275). Assim, a possibilidade fática do desenvolvimento espiritual implica o esforço de definir, em termos razoáveis e pedagógicos, o que seja a fé que permita o pensamento sobre ela e, ao mesmo tempo, preserve o respeito pela liberdade da consciência daquelas pessoas que, eventualmente, sustentem ou não alguma forma de fé.

Um autor que contribui para a tarefa de conceituar a fé é Paul Tillich, apesar de ser pouco conhecido fora do âmbito teológico; foi orientador da tese de doutorado de Theodor Adorno e um dos pensadores envolvidos com o desenvolvimento da conhecida Escola de Frankfurt. Pela oposição política ao nazismo, Tillich migrou para os Estados Unidos e, desde 1933 até sua morte, lecionou: inicialmente, na Columbia University e, depois, nas universidades de Harvard e de Chicago. Ele desenvolveu uma definição antropológica de fé, vinculando-a à própria condição humana: “Fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente” (TILLICH, 1985, p. 5).

A definição de Paul Tillich (1985) sobre a fé pode ser percebida durante a narrativa de Esmeralda, que expressa a sua condição humana a partir de sua fé em Deus, essa ação lhe permitiu transcender suas contingências. Ela escreve: “[...] eu acredito que, quando não estou bem com Deus, é sinal que não estou bem comigo [...]” (ORTIZ, 2001, p. 206). Outro teórico que nos ajuda a pensar sobre a fé é James W. Fowler, que define fé a partir da origem do vocábulo na língua grega e do latim:

[...] (o verbo) grego *pisteuo* e o latino *credo* permitiam a oradores e escritores dizer “eu confio, comprometo, coloco meu coração em, prometo fidelidade”. Todas essas paráfrases mostram que fé é um verbo; é uma forma ativa de comprometer-se, um meio de adentrarmos e modelarmos nossas experiências de vida (FOWLER, 1992, p. 25).

Assim, nesta perspectiva prática e teórica, a fé não é mera crença ou adoção de hábitos religiosos. Fé implica a capacidade de falar de si para si mesmo, ou seja, significa falar do íntimo do ser humano, falar sobre o que realmente nos toca, nos mobiliza, nos preenche e sustenta. E é nesse sentido que Fowler defende que a fé é um traço comum dos seres humanos. Em seu livro “Estágios da Fé”, o autor analisa a fé como um fenômeno do desenvolvimento humano; portanto,

no sentido piagetiano, seria possível analisar os estágios do desenvolvimento da fé. Com base nessa hipótese, ele dividiu o desenvolvimento da fé em estágios que “[...] visam descrever operações padronizadas de conhecimento e valoração que subjazem à nossa consciência” (FOWLER, 1992, p. 110). Esse processo, portanto, depende dos mesmos fatores que afetam o desenvolvimento cognitivo, tais como a maturação biológica, o desenvolvimento emocional, cognitivo, as experiências psicossociais e as influências religioso-culturais do meio em que a pessoa se desenvolve¹.

¹ A teoria dos estágios de desenvolvimento da fé de Fowler evidencia sua filiação teórica a Piaget, especificamente ao psicólogo Lawrence Kohlberg, que desenvolveu a teoria dos estágios do desenvolvimento moral, que Piaget esboçou no livro “O Julgamento moral na criança”, de 1932.

A teoria de Fowler permite-nos pensar que é possível estimular e proporcionar o desenvolvimento espiritual de um indivíduo. Nesse sentido, quando consideramos a perspectiva de educação integral, ou seja, aquela que concebe o ser humano por inteiro, em todas as dimensões, podemos afirmar que o desenvolvimento da fé e da espiritualidade é um tema que não pode deixar de ser tratado pela educação, notadamente, quando pensamos em suas contribuições para a prevenção do uso de drogas na infância e adolescência.

3.1 Desenvolvimento espiritual: fator de proteção e de resiliência em crianças e adolescentes

Neste tópico, pretendemos apresentar três pesquisas que identificaram o desenvolvimento da espiritualidade como um fator de proteção e de resiliência em crianças e adolescentes para demonstrar a conveniência da realização de mais pesquisas abordando esse tema na área da Educação.

A pesquisa realizada por Deise Matos do Amparo e colaboradores buscou investigar os fatores sociais e pessoais que possam servir como proteção a adolescentes e jovens em situação de risco social e pessoal. Foi realizada com 852 adolescentes e jovens, todos cursando o Ensino Médio em escolas públicas do Distrito Federal, com idade entre 13 e 27 anos. Esse grupo respondeu a um questionário com 109 questões sobre risco e proteção em seu desenvolvimento. Os resultados enfocam as redes de proteção (família, escola, amigos) e os fatores pessoais (autoestima, religiosidade-espiritualidade). Com base nos dados obtidos, os pesquisadores concluíram que:

No que se refere aos fatores pessoais, como eixo fundamental de proteção, podem-se destacar elementos que compõem

essas estratégias como: a *espiritualidade e religiosidade*, a *autoestima*, a *autoeficácia* e o *bem-estar*. Destaca-se o modo como esses jovens investem na sua espiritualidade e como esta espiritualidade contribui para sua autoestima e, portanto, para sua resiliência. (AMPARO, 2008, p. 170)

Assim, a pesquisa confirma a hipótese de que o desenvolvimento da espiritualidade promove a resiliência e é um fator preventivo ao uso de drogas ilícitas na infância e adolescência já que fortalece a autoestima. Como mencionado anteriormente, a baixa autoestima é um fator desencadeante do uso de drogas (MARQUES; CRUZ, 2000).

Nesse mesmo sentido, a pesquisa de Assis e seu grupo envolveu 1.923 adolescentes escolares de 11 a 19 anos, de São Gonçalo, município do Rio de Janeiro, e buscou compreender como esses adolescentes representam e enfrentam as condições adversas em seu cotidiano. Em outras palavras, buscou-se saber o que os torna resilientes, uma vez que as autoras compreendem a resiliência como “[...] presença de atributos que auxiliam o enfrentamento de problemas [...]” (ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006, p. 26). Tais atributos formariam “[...] o ‘tricô da resiliência’ analogia que reforça a ideia de um tecido trançado a partir de muitos fios enredados uns nos outros” (ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006, p. 86). Em seus estudos, as pesquisadoras verificaram que o apoio social é fundamental para que um indivíduo fortaleça-se diante das dificuldades e desenvolva a resiliência. A pesquisa demonstrou que adolescentes resilientes têm uma maior disponibilidade para receber o apoio de familiares e amigos. Eles mencionam, também, outra fonte de apoio, a figura de Deus, pois alguns desses adolescentes consideram a religiosidade como a “raiz que os sustenta” (ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006). Logo, podemos relacionar essas “fontes de apoio”, importantes para o desenvolvimento da resiliência, com as três “fés” citadas por Ross: fé em si mesmo, nos outros e em Deus.

No que se refere à educação, na pesquisa de Assis, Pesce e Avanci (2006), entre as instituições citadas, tais como família e amigos, a escola recebeu papel de destaque, pois as autoras acreditam que o ensino e o conhecimento que as crianças e adolescentes recebem e adquirem no ambiente escolar são estruturantes para uma socialização pacífica. Isso reafirma a escola como um espaço social privilegiado para promover a prevenção e a proteção das crianças, pois explora

seus potenciais de autoestima e resiliência. Entretanto, “[...] há mais de duas décadas os programas escolares de prevenção ao uso de drogas não têm alcançado os resultados esperados [...]” (FERREIRA et al., 2010, p. 551), como destaca a equipe de pesquisa liderada por Ferreira. De acordo com as pesquisadoras:

A mais recente publicação epidemiológica de representatividade brasileira, sobre o uso de drogas por estudantes do Ensino Médio e Fundamental, mostrou um cenário que merece atenção. As drogas lícitas, representadas pelo álcool e pelo tabaco, têm um papel de destaque no consumo entre os adolescentes, tendo sido consumidas, respectivamente, por 44,3 e 9,9% dos adolescentes, no mês anterior à pesquisa. Já as ilícitas foram consumidas, alguma vez durante as suas vidas, por quase $\frac{1}{4}$ dos adolescentes estudados. (FERREIRA et al., 2010, p. 552)

Dessa forma, compreendemos a necessidade de rever a metodologia proposta por esses programas e buscar alternativas para o seu fortalecimento. Uma possível alternativa foi apresentada ao final da pesquisa de Sanchez, Oliveira e Nappo sobre os fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas, que revelou a religiosidade como um poderoso fator protetivo. Em suas conclusões, as autoras consideraram a possibilidade da introdução da espiritualidade nos modelos de prevenção (SANCHEZ; OLIVEIRA; NAPPO, 2004). Vanistendael é um dos autores que mais especificamente aborda o papel da religiosidade/espiritualidade no desenvolvimento de processos resilientes. Ele afirma que “[...] a capacidade de descobrir um sentido e uma coerência na vida, em estreito vínculo com a vida espiritual e com a fé religiosa, é um âmbito chave para promover e gerar resiliência em crianças [...]” (VANISTENDAEL apud LARROSA, 2011, p. 53).

Abrir espaço para o desenvolvimento espiritual nas instituições que atendem crianças e adolescentes, parece representar um recurso potencial válido, pois traz consigo a esperança para que essas crianças e adolescentes encontrem um sentido para a vida e, assim, superem de forma mais resiliente as dificuldades desumanas que enfrentam, como transparecem da autobiografia de Esmeralda. Nesse sentido, essas crianças e adolescentes violados em seus direitos e na sua humanidade podem encontrar na espiritualidade um apoio potente para que sua fé e seu relacionamento com Deus, ajude-os a transcenderem a violência social da qual são

vítimas. Desse modo, acreditamos que a fé religiosa é um campo promissor para o desenvolvimento de pesquisas na área da pedagogia, pois foi demonstrado que há uma forte influência da espiritualidade e da prática religiosa na construção da resiliência e da proteção ao uso de drogas em crianças e adolescentes. Por óbvio, essas pesquisas poderão auxiliar os profissionais da educação na construção de uma escola protetora, como defende o grupo de pesquisa liderado por Simone Gonçalves de Assis.

A relevância protetiva do exercício da espiritualidade, demonstrada pelos estudos referidos, pode ser destacada como uma possibilidade a ser mobilizada pela ação pública haja vista que o direito ao desenvolvimento espiritual é mencionado no artigo 3º do ECA, o qual promulga as linhas gerais dos direitos da criança e do adolescente:

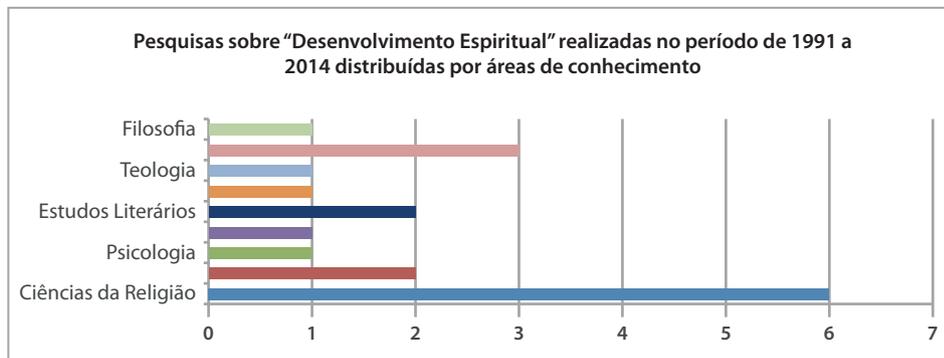
A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990).

3.2 Produção acadêmica sobre “desenvolvimento espiritual”

Analizamos a produção de teses e dissertações no período de 1991 a 2014, a partir da consulta ao Banco de Teses da CAPES², utilizando o descritor “desenvolvimento espiritual”, com o objetivo de quantificar esse tema de pesquisa nos programas de pós-graduação no Brasil nas duas últimas décadas. O descritor “desenvolvimento espiritual” forneceu quatro teses e 14 dissertações assim distribuídas:

² <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>

Gráfico 1: Pesquisas sobre “Desenvolvimento Espiritual” realizadas no período de 1991 a 2014 distribuídas por área de conhecimento.



Aparentemente, considerando as informações da área da saúde, o tema da espiritualidade não é expressivo na pós-graduação brasileira mesmo considerando as áreas de Teologia. Nos programas de Educação não há nenhuma produção.

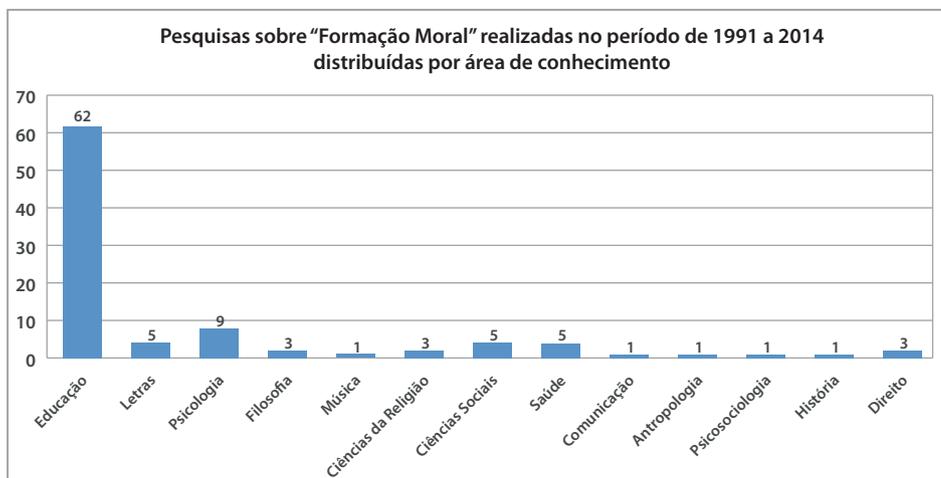
Gráfico 2: Produção de Pesquisas sobre “Desenvolvimento Espiritual” no período de 1991 a 2014.



A distribuição temporal indica que, desde 1991, não mais do que três teses ou dissertações acerca desse assunto foram defendidas anualmente no país, reforçando a informação anterior de que a temática não é considerada relevante para a pesquisa acadêmica no país. Para fins de comparação, também quantificamos a produção de teses e dissertações no período de 1991 a 2014, a partir da consulta ao Banco de Teses da CAPES³, utilizando o descritor “formação moral”. Esse descritor forneceu 20 teses e 81 dissertações assim distribuídas:

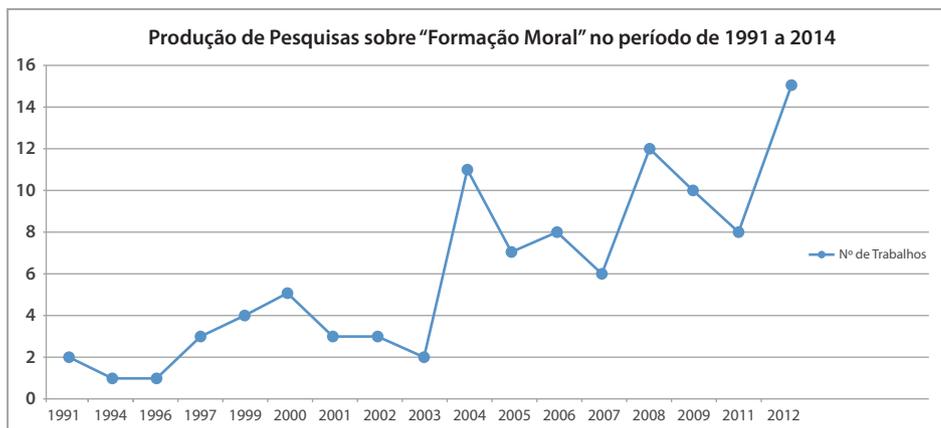
³ <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>

Gráfico 3: Pesquisas sobre “Formação Moral” realizadas no período de 1991 a 2014 distribuídas por área de conhecimento.



Ao contrário do descritor “desenvolvimento espiritual”, o tema da “formação moral” é bem mais considerado na área, pois o número de dissertações e teses praticamente é dez vezes maior. Significativamente, predomina a área da Educação, provavelmente pela grande divulgação do tema “formação moral” proposto pela pesquisa de Piaget e de sua escola genebrina.

Gráfico 4: Produção de Pesquisas sobre “Formação Moral” no período de 1991 a 2014.



Diante da relevância deste tema, a quantidade de teses e dissertações é relativamente pequena, principalmente ao ser comparada com, por exemplo, o tema da “formação moral”. Este é um fato que implica a necessidade de pensarmos pedagogicamente a pesquisa acadêmica sobre a relação entre educação e o direito ao desenvolvimento espiritual. Isso deve ser realizado de forma que contemple

a necessidade social de mobilizar todos os recursos humanos a fim de oferecer à população infanto-juvenil uma educação escolar que, efetivamente, seja promotora de proteção e de resistência ao uso de drogas ilícitas na infância e adolescência.

4 Considerações finais

A discussão apresentada neste trabalho leva-nos a pensar na existência de uma relação significativa entre o desenvolvimento da espiritualidade e a construção da resiliência, entendida como a capacidade de o ser humano superar adversidades, transcender determinadas imposições e limitações sociais. Essa relação decorre do fato de a fé qualificar-se como um profundo sentimento de confiança, que possibilita ao indivíduo encontrar um propósito para viver, mesmo contra tantas evidências em contrário. De acordo com as pesquisas de Assis, Pesce e Avanci (2006), adolescentes que encontram significado para a vida tendem a ser mais resilientes. Além disso, através das pesquisas lideradas por Amparo (2008) e Sanchez, Oliveira e Nappo (2004), pode-se identificar a espiritualidade como um “poderoso fator de proteção” contra o uso de drogas na infância e na adolescência.

Podemos questionar se a espiritualidade deve ser assunto tratado somente pelas entidades religiosas. Como visto, a fé é um traço comum dos seres humanos, e cultivá-la parece potencializar a construção de uma vida mais feliz, segura e resiliente. Além disso, o direito ao desenvolvimento espiritual está previsto no ECA, podendo-se, inclusive, reivindicar que esse direito inalienável das crianças e adolescentes seja contemplado e garantido em todos os ambientes e instituições sociais que asseguram a proteção à criança e ao adolescente, dentre os quais, deve-se destacar a escola protetora.

Uma escola capaz de acolher todas as crianças: esse é o desafio pedagógico. É possível imaginar uma escola protetiva e uma política educacional mais eficiente na promoção de uma socialização saudável e emancipatória. As muitas Esmeraldas que conseguem se libertar da violência das ruas, do desamparo e da solidão que vivenciam no espaço público das ruas tornam-se razões vivas e concretas para a fé pedagógica de que as crianças em situação de vulnerabilidade social podem transcender os efeitos destruidores da violência familiar e social da qual são vítimas. Há razão para a esperança e, portanto, para a fé pedagógica na possibilidade do desenvolvimento espiritual das crianças e adolescentes.

Referências

- ALMINHANA, L. O.; ALMEIDA A. M. Personalidade e religiosidade/espiritualidade (R/E). *Revista Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 153-61, 2009. Disponível em: <<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol36/n4/153.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2014.
- AMPARO, D. M. do; et al. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 13, n. 2, p. 165-174, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/09.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2014.
- ANDREOLA, B. A. Por uma pedagogia das grandes urgências planetárias. *Educação*, Santa Maria, v. 36, n. 2, p. 313-330. 2011. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/3050>>. Acesso em 24 jul. 2014.
- APPLE, Michael W. *Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.
- ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em 01 abr. 2011.
- FERREIRA, T. C. D. et al. Percepções e atitudes de professores de escolas públicas e privadas perante o tema drogas. *Interface*, Botucatu, v. 14, n. 34, p. 551-562, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n34/aop0810.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2014.
- FOWLER, J. W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1992.
- FREI BETTO. Drogas e Religião. *Boletim CEBRID*, São Paulo, n 71, p. 3-4, 2013. Disponível em: 200.144.91.102/sitenovo/download.aspx?id=177. Acesso em 19.fev.2015
- UCHÔA, P. R. Y. de M., Apresentação. In: GALDURÓZ, J. C. F; et al. *V Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas Entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras*. São Paulo: CEBRID/EPM, p. 7, 2004.
- LARROSA, S. M. R. *As contribuições da espiritualidade e da pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos*. 2011. 171 f. Tese (Doutorado em

Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

MARQUES, A. C. P. R.; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. *Revista Brasileira Psiquiatria*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 32-36, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3794.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

ORTIZ, E. do C. *Esmeralda: por que não dancei*. 4. ed. Editora Senac: São Paulo, 2001.

ROSS, L. The spiritual dimension: its importance to patients' health, well-being and quality of life and its implications for nursing practice. *International Journal of Nursing Studies*, v. 32, n. 4, p. 57-68, 1995.

SANCHEZ, Z. V. der M.; OLIVEIRA, L. G. de; NAPPO, S. A. Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. *Ciência & saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 43-55, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n1/19822.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2014.

TILLICH, P. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985

TORRES, C. A. (org). *Teoria crítica e sociologia política da educação*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2011.